

Aula 5 – Oficinas na Terapia Ocupacional: teoria e prática

Fernanda Stella Risseto Mieto

Oficinas

- As chamadas oficinas já vêm sendo muito utilizadas nas práticas de saúde mental nos CAPS e Centros de Convivência.
- Agregaram o adjetivo “terapêuticas” para que se diferenciasssem das oficinas abrigadas, bastante utilizadas em instituições que atendiam pessoas com deficiência intelectual.

OFICINAS

Campo híbrido, móvel e sem identidade fixa



Experiências múltiplas – espaço menos restrito como o de especialidade em Saúde Mental – produzindo uma **nova cultura de intervenções**

OFICINAS

A proposição das oficinas como dispositivo clínico, implica:

“ pensar uma clínica construtiva e inventiva de novas possibilidades e novas formas de vida. Uma clínica comprometida com a construção e a produção de uma subjetividade aberta à alteridade; uma clínica sempre atenta àquilo que propicia a criação e potencializa os processos de transformação do cotidiano. Uma clínica que possa ser praticada como um exercício de expansão e aliança sensíveis aos processos de singularização”

(LIMA, 2004).

Como surgiram???

Em La Borde, França, havia um múltiplo sistema de atividades, composto de uma infinidade de **ateliês** agrupados nas áreas cultural, artesanal, agrícola, somados a passeios, festas, reuniões

"fazer com que os indivíduos e os grupos se reapropriassem do sentido de sua existência em uma perspectiva ética (...) fundada em uma re-singularização da relação com o trabalho e, mais geralmente, da existência pessoal"

Como surgiram???

Perspectiva da desinstitucionalização - **laboratórios italianos** remetem à ideia de experimentação e pesquisa; podemos pensar que ali são pesquisadas novas possibilidades de vida, de sociabilidade, de troca, de universos simbólicos e linguagens.

Experiência triestina – espaços de criação abertos

O laboratório de escritura produzia um jornal que impressionava pela sua beleza gráfica e por matérias bem escritas e de conteúdo interessante; o laboratório de vídeo, em conjunto com o de teatro e o de música, produzia vídeos que eram veiculados pela RAI

Oficinas

espaços propícios à produção, ao aprendizado e à descoberta. Mas o mais importante é a ênfase na convivência por meio de relações pessoais e afetivas. Os coordenadores das oficinas devem ficar atentos a esse aspecto, para não colocar a técnica e o produto acima dos processos de sociabilidade, afetividade e inserção social propiciados pela proposta (GALLETTI, 2004).

Definições

“(..) o universo das oficinas não se define por um modelo homogêneo de intervenção e nem tampouco pela existência de um único regime de produção, ao contrário, é composto de naturezas diversas, numa multiplicidade de formas, processos, linguagens” (Galletti, 2001)

“As oficinas podem ser, aqui, lugar de aprendizagem, de produção, de intercâmbio, de ampliação das relações, de mergulho no universo cultural. ”(LIMA, 2004b, p.16).

- É nessa experiência de confiança e estabilidade que surge um coletivo, que, na sua ação sobre a materialidade, articula as histórias vividas a momentos criativos, descobre modos próprios e diversos de fazer e de comunicar, brincar e imaginar

Politica pública: CECCO

- O Centro de Convivência (1997) – equipamento do Sistema Único de Saúde que conta com parceria da Proteção Social Básica do Sistema Único da Assistência Social. O público atendido é heterogêneo no que se referem às condições socioeconômicas, faixas etárias e condições de saúde.

- De acordo com a portaria Nº 3.088 de 23 de Dezembro de 2011, que regulamenta a Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), os Centros de Convivência são serviços estratégicos para inclusão social das pessoas com transtornos mentais e pessoas que fazem uso de álcool e outras drogas, através da construção de espaços de convívio e sustentação das diferenças (BRASIL, 2011).
- serviço que “vêm se mantendo ao longo do tempo com poucos investimentos políticos, administrativos e econômicos” (GALETTI, 2015, p.22).
- necessidade de legitimação e construção de políticas públicas que estruturam os Centros de Convivência (ALEIXO, 2015)

- equipamento que permite flexibilidade às diferentes necessidades e demandas, ressignificando o encontro entre as pessoas, entre elas e a cidade, e possibilitando a recriação das formas de se apropriar do espaço público e ocupá-lo, em uma postura ativa na sua construção. As oficinas oferecidas por profissionais de diferentes saberes e setores podem ser muito potentes para a produção de saúde através de processos de criação (FERIGATO E CARVALHO, 2013).

Referências bibliográficas

- FERIGATO, SH. Carvalho, Sérgio Resende. A Rede de Centros de Convivência no Sus: Linhas de fuga da superfície-tratamento. Linha Mestra, v.23,p359-364,2013
- GALETTI, MC. Oficinas em saúde mental: instrumento terapêutico ou intercessor clínico? São Paulo: PUC-SP, 2001. Dissertação de mestrado.
- Lima , E. Oficinas, Laboratórios, Ateliês, Grupos de Atividades: Dispositivos para uma clínica atravessada pela criação. In: COSTA,Clarice Moura, FIGUEIREDO,Ana Cristina. Oficinas Terapêuticas em saúde mental: sujeito, produção e cidadania. São Paulo:Contra Capa Livraria, Rio de Janeiro, 2004b. p.59-81.

- GALETTI, Maria Cecília. Oficinas em saúde mental: instrumento terapêutico ou intercessor clínico? São Paulo: PUC-SP, 2001. Dissertação de mestrado.
- Lima , E. Oficinas, Laboratórios, Ateliês, Grupos de Atividades: Dispositivos para uma clínica atravessada pela criação. In: COSTA,Clarice Moura, FIGUEIREDO,Ana Cristina. Oficinas Terapêuticas em saúde mental: sujeito, produção e cidadania. São Paulo:Contra Capa Livraria, Rio de Janeiro, 2004b. p.59-81.